

BALTASAR Coutinho estava na sala, simulando vingativa indiferença por sua prima. As irmãs do fidalgo e demais parentela da casa não deixavam respirar Teresa. Moças e velhas, todas à uma, se repetiam, aconselhando-a a reconciliar-se com seu primo, e dar a seu pai a alegria que o pobre velho tanto rogava a Deus, antes de fechar os olhos. Replicava Teresa que não queria mal a seu primo, nem sequer estava sentida dele; que era sua amiga, e sê-lo-ia sempre enquanto lhe ele deixasse livre o coração. O velho esperava muito daquela noitada de festa. Alguns parentes, presumidos de circunspectos, lhe tinham dito que seria proveitoso regalar a filha com os prazeres congruentes à sua idade, dando-lhe ensejo a que ela repartisse o espírito, concentrado num só ponto, por diversões em que a natural vaidade se preocupa, e a força do amor contrariado se vai a pouco e pouco quebrantando. Aconselharam-lhe as reuniões amiudadas, já em sua casa, já na dos seus parentes, para deste modo Teresa se mostrar a muitos, ser cortejada de todos, e ter em opinião de menos valia o único homem com quem falava, e a quem julgava superior a todos. O fidalgo acedeu, mas com dificuldade: é que tinha lá um sistema seu de ajuizar das mulheres, vivera trinta anos de vida libertina e dispendiosa, e se estava agora saboreando na economia e na quietação. Os anos de Teresa eram pela primeira vez festejados com estrondo. A morgada viu então o que era o minuete da corte, e certos jogos de prendas com que os intervalos naqueles tempos se aligeiravam em delícias, sem fadiga do corpo, nem desgosto da moral.

Mas, de agitada que estava, Teresa não compartia do gozo dos seus hóspedes. Desde que soaram as dez horas daquela noite, a rainha da festa parecia tão alienada das finezas com que senhoras e homens à competência a lisonjeavam, que Baltasar Coutinho deu tento do desassossego de sua prima, e teve a modéstia de imaginar que ela se ofendera da indiferença dele. Generoso até ao perdão, o morgado de Castro Daire, compondo o rosto com gesto grave e melancólico, dirigiu-se a Teresa, e pediu-lhe desculpa da frieza que ele disse ser como as das montanhas, que têm vulcões por dentro e neve por fora. Teresa teve a sinceridade de responder que não tinha reparado na frieza de seu primo, e chamou para junto dela uma menina, para evitar que a montanha se fendesse em vulcões. Pouco depois ergueu-se, e saiu da sala.

Eram dez horas e três quartos. Teresa correrá ao fundo do quintal, abrira a porta, e, como não visse alguém, tornou de corrida para a sala. No momento, porém, de subir a escada que ligava o jardim à casa, Baltasar Coutinho, que a espiava desde que ela saiu da sala, chegou a uma das janelas sobre o jardim, bem longe de imaginar que a via. Retirou-se, e entrou com Teresa na sala, ao mesmo tempo, por diversa porta.

Decorridos alguns minutos, a menina saiu outra vez, e o primo também. Teresa ouviu, a distância, o estrépito dum cavalo, quando passou ao patamar da escada. Baltasar também o ouviu, e notou que sua prima, receosa de ser vista e conhecida pela alvura do vestido, levava uma capa ou xaile que a envolvia toda. O de Castro Daire fez pé atrás para não ser visto. Teresa, porém, num relance de olhar temeroso, ainda vira um vulto retirar-se. Teve medo, e retrocedeu a largar a capa, e entrou na sala, ofegante de cansaço e pálida de medo.

– Que tens, minha filha?! – disse-lhe o pai – Já duas vezes saíste da sala, e vens tão alvoroçada! Tens algum incómodo, Teresa?

– Tenho uma dor: preciso de ir respirar de vez em quando...Nada é, meu pai.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Tadeu acreditou, e disse a toda a gente que sua filha tinha uma dor; só o não disse a seu sobrinho, porque o não encontrou, e soube que ele tinha saído.

Também Teresa dera pela ausência do primo, e fingiu que o ia procurar, resolução de que o velho gostou muito. Desceu ela ao jardim, correu à porta, onde a esperava Simão, abriu-a, e, com a voz cortada pela ansiedade, apenas disse:

– Vai-te embora: vem amanhã às mesmas horas... vai, vai!

Simão, quando isto ouvia, tinha os olhos fitos num vulto, que se aproximava dele, rente com o muro do quintal. O arrieiro, que primeiro o vira, dera um sinal, e entalara as rédeas do cavalo entre umas pedras, para ficar desembaraçado, se o estudante se não pudesse haver com o inimigo.

Simão Botelho não se moveu do local, e Baltasar Coutinho parou na distância de seis passos. O arrieiro tinha lentamente avançado a meio caminho do patrão, quando este lhe disse que não se aproximasse. E, caminhando para o vulto, aperrou duas pistolas, e disse-lhe:

– Isto aqui não é caminho. Que quer?

O fidalgo não respondeu.

– Parece-me que lhe abro a boca com uma bala! – tornou Simão.

– Que lhe importa ao senhor quem está?! – disse Baltasar – Se eu tiver um segredo, como o senhor parece que tem o seu nestes sítios, sou obrigado a confessar-lho!?

Simão reflectiu, e replicou:

– Este muro pertence a uma casa onde mora uma só família, e uma só mulher.

– Estão nesta casa mais de quarenta mulheres esta noite – redarguiu o primo de Teresa. – Se o cavalheiro espera uma, eu posso esperar outra.

– Quem é o senhor? – tornou com arrogância o filho do corregedor.

– Não conheço a pessoa que me interroga, nem quero conhecer. Fiquemos cada um com o nosso incógnito. Boas noites.

Baltasar Coutinho retrocedeu, dizendo entre si: «Que partido tem uma espada contra dois homens e duas pistolas?»

Simão Botelho cavalgou, e partiu para casa do hospitaleiro ferrador.

O sobrinho de Tadeu de Albuquerque entrou na sala sem denunciar levemente alteração de ânimo. Viu que Teresa o observava de revés, e soube dissimular de modo que a sossegou. A pobre menina, ansiosa por se ver sozinha, viu com prazer erguer-se para sair a primeira família, que deu rebate às outras, menos ao de Castro Daire e suas irmãs, que ficaram hospedados em casa de seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Viseu.

Velou Teresa o restante da noite, escrevendo a Simão a longa história dos seus terrores, e pedindo-lhe perdão de o ela não ter advertido do baile, por ficar doida de alegria com a sua vinda. No tocante ao plano de se encontrarem na seguinte noite não havia alteração na carta. Isto espantou o académico. A seu ver, o vulto era Baltasar Coutinho, e o pai de Teresa devia ser avisado naquela mesma noite.

Respondeu ele contando a história do incidente com o encapotado; receando, porém, assustar Teresa e privar-se da entrevista, escreveu nova carta, em que não transluzia medo de ser atacado, nem sequer receio de marear-lhe a fama. Quis parecer a Simão Botelho que este era o digno porte de um amante corajoso.

Passou o estudante aquele dia contando as longas horas, e meditando instantes nos funestos resultados que podia ter a sua temerária ida, se Baltasar Coutinho era aquele homem que reservara para melhor relance a vingança da provocação insolente. Mas, de si para si, tinha ele que pensar em tal era mais covardia que prudência.

O ferrador tinha uma filha, moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste. Notou Simão os reparos em que ela se demorava a contemplá-lo, e perguntou-lhe a causa daquele olhar melancólico com que ela o fitava. Mariana corou, abriu um sorriso triste, e respondeu:

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

- Não sei o que me adivinha o coração a respeito de Vossa Senhoria. Alguma desgraça está para lhe suceder...
- A menina não dizia isso – replicou Simão – sem saber alguma coisa da minha vida.
- Alguma coisa sei... – tornou ela.
- Ouviu contar ao arrieiro?
- Não, senhor. É que meu pai conhece o paizinho de Vossa Senhoria, e também conhece o senhor. E há bocadinho que eu ouvi estar meu pai a dizer a meu tio, que é o arrieiro que veio com Vossa Senhoria, que tinha suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer...
- Porquê?
- Por amor duma fidalga de Viseu, que tem um primo em Castro Daire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segredo, e ia colher pormenores do que ele julgava mistério entre duas famílias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado, onde o precedente diálogo se passara. A moça, como ouvisse os passos do pai, saíra lestantemente por outra porta.

- Com sua licença – disse mestre João.
Dizendo, fechou por dentro ambas as portas, e sentou-se sobre uma arca.
- Ora, meu fidalgo – continuou ele, descendo as mangas arregaçadas da camisa, e apertando-as com dificuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquetas das mangas – há-de desculpar que eu viesse assim em mangas de camisa; mas não dei com a jaqueta...
- Está muito bem, senhor João – atalhou o académico.
- Pois, senhor, eu devo um favor a seu pai, e um favor daquela casta. Uma vez armou-se aqui à minha porta uma desordem, a troco dum couce que um macho dum almocreve deu numa égua, que eu estava ferrando, e, em tão boa hora foi, que lhe partiu rente o jarrete por aqui, salvo tal lugar.
João da Cruz mostrou na sua perna o ponto por onde fora fracturada a da égua, e continuou:
- Eu tinha ali à mão o martelo, e não me tive que não pregasse com ele na cabeça do macho, que foi logo pra terra. O recoveiro de Garção, que era chibante, deitou as unhas a um bacamarte, que trazia entre uma carga, e desfechou comigo, sem mais *tir-te* nem *guar-te*. «Ó alma danada! – disse-lhe eu – pois tu vês que o teu macho me aleijou esta égua, que custou vinte peças a seu dono, e que eu tenho de pagar, e dá-me um tiro por eu te atordoar o macho!?»
- E o tiro acertou-lhe? – atalhou Simão.
- Acertou: mas saberá vossa senhoria que me não matou; deu-me aqui por este braço esquerdo com dois quartos. E vai eu, entro em casa, vou à cabeceira da cama, e trago uma clavina, e desfecho-lha na tábua do peito. O almocreve caiu como um tordo, e não tugiu nem mugiu. Prenderam-me, e fui para Viseu e já lá estava há três anos, no ano em que o paizinho de vossa senhoria veio corregedor. Andava muita gente a trabalhar contra mim, e todos me diziam que eu ia pernear na forca. Estava lá na enxovia comigo um preso a cumprir sentença, e disse-me ele que o senhor corregedor tinha muita devoção com as sete dores de Nossa Senhora. Uma vez que ele ia passando com a família para a missa, disse-lhe eu: «Senhor corregedor, peço a vossa senhoria, pelas sete dores de Maria Santíssima, que me mande ir à sua presença, para eu explicar a minha culpa a vossa senhoria.» O paizinho de vossa senhoria chamou o meirinho-geral, e mandou tomar o meu nome. Ao outro dia fui chamado ao senhor corregedor, e contei-lhe tudo, mostrando-lhe ainda as cicatrizes do braço. Seu pai ouviu-me, e disse-me: «Vai-te embora, que eu farei o que puder.» O caso é, meu fidalgo, que eu saí absolvido, quando muita gente dizia que eu havia de ser enforcado

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

à minha porta. Faz favor de me dizer se eu não devo andar com a cara onde o seu paizinho põe os pés!?

– Tem o senhor João motivo para lhe ser grato, não há dúvida nenhuma.

– Agora faz favor de ouvir o mais. Eu, antes de ser ferrador, fui criado de farda em casa do fidalgo de Castro Daire, que é o senhor Baltasar. Conhece-o vossa senhoria? Ora, se conhece!...

– Conheço de nome.

– Foi ele que me abonou dez moedas de ouro para me estabelecer; mas paguei-lhas, Deus louvado. Há-de haver seis meses que ele me mandou chamar a Viseu, e me disse que tinha trinta peças para me dar, se eu lhe fizesse um serviço. «O que vossa senhoria quiser, fidalgo.» E vai ele disse-me que queria que eu tirasse a vida a um homem. Isto buliu cá por dentro comigo, porque, a falar a verdade, um homem que mata outro num aperto não é matador de ofício, acho eu, não é assim?

– Decerto... – respondeu Simão, adivinhando o remate da história

– Quem era o homem que ele queria morto?

– Era vossa senhoria... Ó homem! – disse o ferrador com espanto. – O senhor nem sequer mudou de cor!

– Eu não mudo nunca de cor, senhor João – disse o académico.

– Estou pasmado!

– E vossemecê não aceitou a incumbência, pelo que vejo – tornou Simão.

– Não, senhor; e, então, logo que ele me disse quem era, a minha vontade era pregar-lhe com a cabeça numa esquina.

– E ele disse-lhe a razão por que me mandava matar?

– Não, meu fidalgo; eu lhe conto: Na semana adiante, quando soube que o senhor Baltasar (raios o partam!) tinha saído de Viseu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passara. O senhor corregedor esteve a cismar um pouquinho, e disse-me, e vossa senhoria há-de perdoar por eu lhe dizer o que seu pai me disse tal e qual.

– Diga.

– Seu pai começou a esfregar o nariz, e disse-me: «Eu sei o que é isso. Se aquele brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima desse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Tadeu de Albuquerque!...» Ainda disse mais coisas que me não lembram; mas eu fiquei sabendo tudo. Ora aqui tem o que houve. Agora apareceu-me aqui vossa senhoria, e a noite passada foi a Viseu. Perdoará a minha confiança: mas vossa senhoria foi falar com a tal menina; e eu estive vai não vai a segui-lo; mas, como ia meu cunhado, que é homem para três, fiquei descansado. Ele contou-me um encontro que vossa senhoria teve à porta do quintal da menina. Se lá torna, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas duma traição ninguém se livra. Se quer que eu vá também, estou às suas ordens; e a clavina que deu polícia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo de água, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamisadas. Se quer casar com ela, vá pedir a seu pai licença, e deixe o resto cá por minha conta; ponto é que ela queira, que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima de uma égua de chupeta, que ali tenho, e o pai e mais o primo ficam a ver navios. – Obrigado, meu amigo – disse Simão. – Aproveitarei os seus bons serviços quando me forem necessários. Esta noite hei-de ir, como fui a noite passada, a Viseu. Se houver novidade, então veremos o que se há-de fazer. Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo.

Mestre João da Cruz não replicou. Dali foi examinar miudamente a fecharia da clavina, e entender-se com o cunhado sobre cautelas necessárias, enquanto descarregava a arma, e a carregava de novo com uns zagalotes especiais, que ele denominava «amêndoas de pimpões».

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Neste intervalo, Mariana, a filha do ferrador, entrou no sobrado, e disse com meiguice a Simão Botelho:

- Então sempre é certo ir?
- Vou; porque não hei-de ir?!
- Pois Nossa Senhora vá na sua companhia – tornou ela, saindo logo para esconder as lágrimas.